

“CONHECEREIS A VERDADE E A VERDADE VOS LIBERTARÁ” (JOÃO 8:32): EFEITOS DE SIMULAÇÃO NO DISCURSO POLÍTICO ON-LINE

Aracy Ernst^a

Gabriela de Mello Silva^b

Vivian Vaghetti Vieira^c

RESUMO

Ao voltarmos à atenção para o discurso político *on-line*, buscamos compreender a representação produzida imaginariamente nesse espaço que visa a construir um efeito de dizer verdadeiro nas condições históricas instituídas no Brasil atual. Trata-se, no entanto, da produção de um “efeito de simulação”, decorrente do falseamento da palavra e do acontecimento por meio do encontro do político com o teológico.

PALAVRAS-CHAVE: discurso político-religioso; simulação; rede social.

Recebido em: 06/06/19

Aprovado em: 10/10/19

Configuração do espaço do dizer político

O presente trabalho¹ circunscreve-se no cenário político brasileiro da atualidade, cujas falsas contradições substituem, desde sempre, as contradições reais (cf. SOUZA, 2015)². A circulação de

^a Professor titular da Universidade Católica de Pelotas. Email. aracyep@gmail.com

^b Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pelotas. Email. gabimellosilva@gmail.com

^c Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Email. vivian_vaghetti@yahoo.com.br

¹ Agradecemos a contribuição, dada pela colega Janaína Cardoso Brum, para a reflexão proposta neste artigo.

² O conceito de contradição, embora possa ser empregado metaforicamente como divergên-

formulações constituídas pelos pressupostos da ideologia dominante a todos atinge. São eles repetidos e compartilhados, possuindo um *modus operandi* de embaçamento³ das condições concretas dessas contradições por meio das quais a história se constrói, de acordo com o que Pêcheux chama de “a repetição das memórias ‘estratégicas’”. (2009, p. 25) Essas memórias “estratégicas” organizam os mecanismos simbólicos de reprodução responsáveis pela farsa e pela conseqüente tragédia⁴ que vêm dominando declaradamente, nos últimos anos, a política brasileira. Para observar esse funcionamento, valemo-nos de um objeto específico: o discurso de Jair Messias Bolsonaro⁵ proferido imediatamente após a apuração dos votos para a presidência do Brasil no pleito de 2018. Produzida na perspectiva do resultado do processo eleitoral e de sua reabilitação física após o polêmico atentado sofrido na campanha em 6 de setembro de 2018 na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, essa fala se apresenta como um discurso político-teológico de agradecimento a duas “graças” alcançadas: a recuperação de sua saúde e a sua chegada à Presidência da República.

Nele, assume importância a reiteração do significante “verdade”, que ora se coloca referencialmente numa acepção exclusivamente religiosa – a verdade é Deus –; ora numa acepção político-religiosa – a verdade é o político que ascendeu à presidência (nesse caso, assume-se como o eleito, o messias, o mensageiro). Essa forma equívoca que funde o sagrado com o profano, ou o bíblico com político constitui-se num mecanismo discursivo que, ao amalgamar

cia, oposição, dissonância etc., neste trabalho assume a acepção particular do materialismo histórico-dialético relacionado com o movimento contraditório da história da luta de classes e, por extensão, com as contradições materialmente presentes nos enunciados analisadas no processo teórico-analítico da Análise de Discurso de filiação pêcheuxiana.

³ Esse embaçamento não deve ser entendido como ocultação das contradições sociais, mas sim como ardid, burla ou deformação que caracterizam o efeito imaginário decorrente da produção de evidências através de processos ideológicos que solapam as condições materiais de existência. Segundo Althusser, é “a natureza imaginária (da relação entre os homens e as suas condições reais de vida) que fundamenta toda a deformação imaginária que se pode observar em toda ideologia”. (1980, p. 81)

⁴ Referência ao conhecido enunciado de Karl Marx em “O dezoito Brumário” sobre a recorrência no poder dos Bonaparte: “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”.

⁵ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7120988/>

tais domínios, se vale de uma “memória ‘estratégica’” ligada à sensibilidade religiosa e que se tem revelado uma espiritualidade vazia e violenta, à beira de um fundamentalismo cujas demandas têm atuado nos níveis político, ético e moral. A imagem a seguir é um dos inúmeros exemplares encontrados cotidianamente na mídia em que podemos observar essa “espiritualidade”.



Figura 1 – Foto do evento Marcha para Jesus (Trevisan, Daniel. Bolsonaro, o gesto da arma na Marcha para Jesus e a risada cafajuste dos pastores. 22 de junho de 2019. diariodocentrodo-mundo.com.br/)

Trata-se de uma foto realizada no evento Marcha para Jesus 2019, ocorrido em São Paulo, em que o atual presidente da República veste uma camiseta de fundo branco, cujo *design*, com as cores da Bandeira Nacional, tem no centro uma cruz, com duas mãos enlaçadas no seu eixo vertical, e o enunciado Marcha Jesus 2019. Em desacordo com elementos da formação ideológica do cristianismo ligados à paz, ao amor ao próximo, à caridade etc., Bolsonaro reitera, sorridente, o gesto de atirar, característico de sua campanha eleitoral: as mãos que agarram a cruz, portanto, são as mesmas que agarram as armas. Espiritualidade e violência, estranho processo de relação com o outro, que, ao conjugar redes de memória dessemelhantes, condicionadas contraditoriamente na linearidade significativa, associa elementos pré-construídos ligados à religiosidade cristã e à política de extrema direita num trabalho de simulação ou deformação de sentidos.

Diz-nos Pêcheux, com relação à absorção de elementos pré-construídos, produzidos fora de uma formação discursiva:

[...] o interdiscurso é, perpetuamente, o lugar de um “trabalho” de reconfiguração no qual uma formação discursiva é levada, em função dos interesses ideológicos que ela representa, a absorver elementos *pré-construídos* produzidos fora dela, associando-os metonimicamente a seus próprios elementos por *efeitos-transversos* que os incorporam, na evidência de um novo sentido em que eles são “acolhidos” e fundados (com base em um novo terreno de evidências que os absorve) por meio do que chamamos um “retorno do saber ao pensamento”: em suma, um “trabalho” de unificação do pensamento, em que as subordinações se realizam ao se apagarem na *extensão* sinonímica da paráfrase-reformulação. (1988, p. 278)

Parece-nos, entretanto, que, na foto apresentada, não há uma reconfiguração da formação discursiva de extrema direita por “efeitos transversos”, apenas a sobreposição de elementos pré-construídos provenientes de uma região determinada do interdiscurso: a memória da formação discursiva (FD) religiosa cristã que se encontra sobreposta à memória da FD de extrema direita. A isso, estamos propondo relacionar a expressão “efeito de simulação”, tomada de Pêcheux (1988), mas relativamente ao discurso político⁶. Nessa perspectiva, consideramos a simulação como um efeito de sentido em que elementos da memória de uma determinada formação discursiva interpõem-se a outra, sob forma de discurso repetido, sem que haja assimilação, ou melhor, absorção no espaço discursivo em que incidem. Essa definição aproxima-se do conceito de pré-construído; entretanto, essa interposição constitui-se num *mise-en-scène*, por proporcionar o mascaramento de pressupostos ideológicos que se querem impor. Outro aspecto a ser observado é que a contradição existente entre as duas FDs, no caso do exemplar apresentado, aparece de forma explícita. Os elementos pré-construídos permanecem como componentes marginais que, apesar de sua apropriação no nível intradiscursivo, não se inte-

⁶ Pêcheux (1988) usa essa expressão diferentemente, para explicar, no âmbito da filosofia marxista, o encobrimento da “relação de exploração dos conhecimentos científicos por uma teoria universal das ideias” (1988, p. 272). A resignificação desse sintagma será desenvolvida mais adiante.

gram ao funcionamento das redes de memória que constituem essa formação; ou, como veremos posteriormente na análise do discurso da *live* em pauta, as formulações enquadram-se na FD religiosa cristã mas com o apagamento, na materialidade linguística, dos saberes da FD política de extrema direita. Nesse caso, a contradição é encoberta. Nos dois funcionamentos discursivos, temos o caráter de artificialismo e de engodo do discurso bolsonarista.

A enunciação, excessivamente reprisada pelo presidente e por seus prosélitos, da formulação bíblica “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:32), pertencente à mesma filiação sócio-histórica de identificação religiosa do exemplar apresentado anteriormente, faz parte do processo de falseamento que inscreve, na materialidade discursiva, duas regiões do interdiscurso cujos funcionamentos contraditórios, desconexos e disjuntos entre si contrariam, no caso, os modos histórico-materiais de sua constituição.

As questões, portanto, a que visamos responder são: qual a forma ou quais as formas de que o discurso em pauta se vale para trabalhar os sentidos como simulação? Em outras palavras, como se constitui esse discurso de simulação da palavra e do acontecimento no espaço *on-line*? Que efeitos de sentido decorrem do atravessamento do discurso religioso no discurso político? Responder a essas questões implica necessariamente reconhecer que as condições de formação e produção dos discursos *on-line* estabelecem novos modos de laço social constituídos de processos discursivos de conexão e desconexão. Os sujeitos fazem *links*, *lives*, redes, conectam-se e desconectam-se continuamente, mas os liames sociais em que a relação simbólica com o outro se exerce nessas condições são, via de regra, provisórios e instáveis. O discurso político de Jair Messias Bolsonaro, portanto, não se sedimenta, porque há uma flutuação permanente e contraditória em suas práticas discursivas que se constituem através de processos de simulação da ordem da palavra, como explicado anteriormente, e do acontecimento⁷ histórico-político “indecifrável”⁸, na medida

⁷ A noção de acontecimento tem um estatuto especial na configuração epistemológica da Análise de Discurso, que a define como “ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, [1983] 1990, p. 16).

⁸ Esse termo deve ser tomado na acepção althusseriana, considerando a história como “a revogação permanente do fato consumado por outro fato indecifrável a consumir-se [...]”, acentuando-se seu caráter contingente. (ALTHUSSER, 2005 [1982], p. 14)

em que são “esquecidas” as condições histórico-sociais de sua emergência. Referimo-nos especificamente à interferência de uma série de fatores: prisão do candidato de maior aceitação popular, uso de robôs e *fake news* nas redes sociais, entre outros, que podem ter alterado os resultados das eleições de 2018.

Os laços sociais no espaço *on-line*

A questão posta em face do objetivo desta reflexão é: de que tipo e natureza são os laços sociais *on-line*? De acordo com a concepção psicanalítica, os laços sociais são tecidos e estruturados pela linguagem. Trata-se de vínculos sociais que se estabelecem entre os sujeitos que se submetem a uma autoridade simbólica. Todavia, nos dias atuais, estamos verificando uma mudança no modo como eles se têm concertado nas mídias sociais devido à falência da autoridade simbólica. Circunscrevendo essa problemática de modo breve, podemos dizer que, com sua inserção social no campo dos liames próprios do espaço *on-line* e das relações simbólicas que se exercem, os vínculos parecem prescindir da autoridade. Estamos assistindo a transformações, desde meados do século passado, na maneira como se tem estruturado o social, cuja maior consequência é o aniquilamento da autoridade simbólica. Vivemos numa era de incertezas, em que perdemos qualquer garantia de referência, pois as novas tecnologias apenas respondem a questões pragmáticas e não existenciais. Além disso, sob o nosso ponto de vista, os limites entre a realidade social e o imaginário, entre o próximo e o distante tornam-se cada vez menos perceptíveis. O que nos interessa, pois, no espaço midiático em que tudo se torna flexível e mutante é a forma material contraditória que tomam os enunciados políticos aí construídos, considerando seus elementos constituintes: a memória, o sujeito e as condições de produção, com vistas à compreensão do funcionamento dos processos discursivos na produção de sentidos que trapaceiam os fatos⁹. Nessa construção dissimulada das palavras e dos acontecimentos, o *marketing* político digital tem um papel altamente significativo.

⁹ O termo “fato” deve ser entendido na perspectiva do materialismo, isto é, em sua dimensão histórica e não factual.

O *marketing* político digital e as esferas pública e privada

O *marketing* político digital desempenhou um papel crucial nos resultados das urnas nas eleições de 2018 no Brasil, na medida em que os canais *on-line* ganharam maior relevância nos processos discursivos entre políticos e eleitores. Apesar de o então candidato ter contado com apenas oito segundos de televisão no horário eleitoral no primeiro turno, a estratégia da forte presença nas redes sociais permitiu seu sucesso nas urnas. Aliados a esse fato, aspectos como a luta contra a corrupção, a rejeição ao Partido dos Trabalhadores, a defesa da necessidade e importância do uso de armas, o conservadorismo moral e também a identificação do eleitorado com o jogo de representações em que o teológico e o político se encontram manifestadamente confundidos possibilitaram esse resultado. O discurso do atual presidente foi propalado mediante transmissões ao vivo pelo *Facebook*, conectando-se com os eleitores sem precisar participar dos debates no segundo turno. A estratégia ficou mais evidente após o atentado à faca. É importante também salientar o fato inusitado de que, pela primeira vez, um presidente eleito fala à nação por intermédio de uma *live* no *Facebook* e não por intermédio do rádio e da televisão.

O discurso mediado pelo computador e, mais recentemente, pelas redes sociais na internet vem transformando as práticas sociais nas esferas pública e privada, tornando opacos seus limites. Nesse cenário ficcional, os modos de enunciação do político fundam-se nos usos públicos da intimidade conforme Sennett (1988). No caso analisado, o sujeito fala do espaço privado da sala de sua casa para milhões de sujeitos também na intimidade de suas casas. Courtine (2006), ao tratar da personalização da esfera pública nos Estados Unidos, observa que ela correspondeu a um processo histórico lento que tomou fôlego no século XIX. De acordo com o autor, “Buscou-se, pois, ao longo do século XIX, um *idioma democrático* [...] É o declínio da retórica e sua substituição pelo gênero simples, familiar e direto da conversação”. (2006, p. 133) Baseado em Sennett (1988), Courtine (2006, p. 133) afirma ainda que

o modo de redefinição das relações entre o espaço privado e o espaço público vai afetar profundamente as formas de recepção dos discursos políticos. [...] Quando a mensagem política

não é mais concebida como expressão da vontade divina, nem carregada de sentido por uma ordem política e social transcendente, então, é na dimensão humana e psicológica das intenções e dos sentimentos que se forja uma nova legitimidade.

O que ocorre no discurso político brasileiro em pauta, no entanto, é o retorno da expressão da vontade divina aliada à “dimensão humana” nessa “redefinição das relações entre o espaço privado e o espaço público”, como veremos posteriormente. Operam-se, assim, graças às mudanças históricas e, em consequência, às estratégias de tecnologias da comunicação, alterações substanciais no discurso político. No caso do discurso bolsonarista, além da alteração nos modos de dizer, o debate democrático se extingue, fatos triviais subtraem os problemas políticos relevantes e a dimensão “humana e psicológica” engendra, através da sedução ou do “encantamento das massas”, uma nova legitimidade.

Do efeito de simulação no discurso político *on-line*

A noção de “efeito de simulação” aqui formulada no quadro da Análise de Discurso tem como característica principal a impostura que rege, nesse caso, a ordem do acontecimento histórico da eleição do candidato de extrema direita, marcado pelas *fake news*, e do acontecimento discursivo, marcado por processos em que a inscrição do teológico produz um “efeito de verdade”. Nossa apropriação do sintagma “efeito de simulação” de Pêcheux (1988) realiza um deslocamento conceitual do campo filosófico para o campo político, com desdobramentos não previstos mas possíveis na concepção pècheuxtiana de discurso, mantendo, para isso, a noção de “encobrimento” das condições de existência. Simulação, encobrimento e mascaramento são termos-chave na reconfiguração do sintagma “efeito de simulação”, que pretendemos ligar à impostura. Sabemos que esses termos, quando empregados no campo teórico da Análise de Discurso, se relacionam à forma-sujeito ideológica responsável pelo processo de interpelação-identificação do sujeito.

Essa premissa obviamente se mantém; o que não se mantém é a referencialidade da palavra “simulação”, que, no texto de Pêcheux, serve para marcar a crítica ao idealismo e suas implicações na área da Semântica. Trata-se aqui

de algo bem mais despretenso e pontual: o encobrimento pelo teológico da política de extrema direita que ascendeu ao poder e se concretiza mediante manobras políticas (e midiáticas) operadas nos processos discursivos que afetam a sua construção e os espaços em que se produzem. Obviamente, essas manobras ocorrem devido às posições-sujeito envolvidas na filiação ideológica de quem as manifesta, mas elas possuem uma particularidade no caso analisado, na medida em que são da ordem do artifício. Tomando a noção de acontecimento como a define Pêcheux (1990, p. 17), “encontro entre uma atualidade e uma memória”, teríamos, no caso, o encontro entre a atualidade do acontecimento da eleição de Bolsonaro à Presidência da República e as redes de memória que constituem o seu dizer, ligadas a saberes de cunho notadamente extremista, tais como poder ditatorial, repressão da oposição, xenofobia racista, misoginia e agressão ao conceito de verdade objetiva, entre outros, encobertos por formulações que materializam pré-construídos da ideologia religiosa cristã.

No caso que passaremos a analisar, o do pronunciamento do presidente, à época recém-eleito, Jair Bolsonaro, em transmissão ao vivo no *site* de rede social *Facebook*, percebemos que são apagados, na superfície discursiva, os pré-construídos ligados à formação discursiva de extrema direita. A contradição explícita entre essa formação e a formação discursiva religiosa cristã, verificada na descrição da foto da “Marcha para Jesus”, traduz-se, nesse caso, numa contradição implícita que edulcora a violência. Assim, o “efeito de simulação” parece dotado de maior eficácia simbólica na medida em que o encobrimento dos pressupostos de cunho antidemocrático se dá pelo apagamento de seus pressupostos no intradiscurso.

Chamamos atenção, outrossim, para as condições de produção circunstanciais e históricas em que emerge esse discurso: circunstanciais, porque não temos mais os grandes veículos de comunicação montando um cenário para o primeiro pronunciamento do presidente da República recém-eleito em rede nacional. Ele é feito agora em um discurso direto com as pessoas, que, em teoria, têm hierarquicamente a mesma voz de quem está falando, além da possibilidade de interação em tempo real; históricas, porque esse discurso direto – mas ficcional –, produzido por meio de possibilidades técnicas e tecnológicas de circulação, de propagação e compartilhamento nos meios digitais, apaga as

determinações ideológicas que definem seus efeitos: o discurso se faz à margem daquilo que o determina.

Nesse contexto, a produção do efeito de simulação acontece. O protagonismo político-midiático segue os ditames do formato e da abordagem próprios do rito dos meios de comunicação de massa. O cenário e a formulação do discurso ajustam-se ao aproveitamento estratégico máximo do contexto da rede social utilizada, driblando a comunicação tradicional. Produz-se, pois, uma situação em que há o encaixe de práticas de desconstituição da esfera pública e demais consequências típicas dos processos de simulação, como veremos a seguir.

Discurso político e espaço físico como efeitos de simulação

Estendemos o conceito de efeito de simulação adotado neste trabalho também ao âmbito da elaboração simbólica do espaço físico em conformidade com o espaço político. O discurso, em tela, apresenta-se fundamentalmente como um discurso de simulação de agradecimento a duas “graças” que foram concedidas ao sujeito enunciator: o restabelecimento de sua saúde e a chegada à Presidência da República do Brasil, conforme dito anteriormente. Portanto, situa-se na esfera emocional, um dos motores de processos caracterizadamente de natureza demagógica que consistem no engodo e na tentativa de agradar a massa popular com vistas ao poder político. Basicamente, trata-se de uma estratégia discursiva político-ideológica cujos argumentos são de cunho apelativo e emocional em vez de argumentos de deliberação racional. Vale-se de um tipo de retórica que, a despeito de sua aparência de ductilidade e docilidade – que visa a produzir, como efeito, um laço de empatia com o eleitorado, ou, como diria G. Klaus (*apud* PÊCHEUX, 1988), manter “o povo encantado”¹⁰ –, demanda por parte dos analistas gestos de reflexão em vista das reiteradas agressões e violências que caracterizam normalmente os discursos do candidato

¹⁰ Cabe aqui explicar que, de acordo com Pêcheux (1988), esse “encantamento” diz respeito *em parte* às próprias “ilusões” que mantêm o povo “encantado”, o que implica que a ideologia não é um puro não ser, mas uma força material, e também é no próprio elemento dessa força material que o povo “se liberta de suas correntes”, utilizando contra ela mesma essa força material que, como tal, não tem história nem fim. (1988, p. 282)

eleito. Temos, pois, no discurso em análise, o desconcerto entre a postura dócil e pacífica do candidato eleito e a postura extremada e agressiva de permanente enfrentamento a determinados segmentos da sociedade brasileira. Essa docilidade e pacificação (mas também seus contrapontos, a violência e o ódio) têm como um dos lugares políticos de ressonância o espaço das mídias sociais, que vem contribuindo para a formação de novos laços sociais.

O vídeo foi gravado no Rio de Janeiro, aparentemente na sala da residência de Bolsonaro, numa nítida tentativa de liga entre a esfera privada e a esfera pública, de que falaremos a seguir.



Figura 2. Foto do pronunciamento do presidente eleito

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/28/politica/1540752778_816687.html

Comecemos a observar a elaboração simbólica do espaço. A disposição das personagens e dos elementos figurativizam um quadro ambíguo onde se confundem cena política (domínio público) e cena doméstica (domínio privado). Faz parte dessa elaboração o terno que Bolsonaro veste, sem a gravata, o que lhe dá um toque despojado, destoando, entretanto, do tom sóbrio, brando e formal de sua fala, diferentemente do adotado em outras situações. À mesa, o recém-eleito presidente da República encontra-se ao centro, com sua esposa Michele à direita e, à esquerda, a intérprete de libras. Obviamente essa disposição não é aleatória, mas designa os lugares sociais por eles ocupados e mostra sua eficácia simbólica no que diz respeito à importância, dada pelo candidato eleito, à família, à(s) mulher(es) e a grupos segregados. Em cima da mesa, temos alguns livros, entre eles a *Constituição da República Federativa do Brasil* e um exemplar de *O mínimo que você precisa saber para não ser um*

idiota, de autoria de Olavo de Carvalho, um caderno, uma caneta Bic, copo de plástico com água à sua frente (as mulheres não têm copos) e uma jarra de vidro em frente a Michele, com a alça em direção à mão direita (possivelmente pronta para servi-lo!). O sujeito enunciador dirige-se primeiramente à intérprete de libras e, posteriormente, a sua atual esposa. Cada gesto, cada posição, cada postura salienta a significação política, figurada e simbólica que buscam adotar. Com base em Haroche (1998), consideramos que o lugar que ocupamos no espaço físico institucional designa um valor e revela hierarquia e também privilégios. Discernimos aí um dispositivo de visibilidade que induz ao respeito e à reverência e define uma ordem relativa àqueles que comandam e àqueles que se submetem. É, para a autora, o uso instrumental do corpo com fins políticos em que há uma tentativa de domínio dos movimentos e da atitude corporal. Segundo ela, a relação do poder com a utilização do espaço é sempre definida pelos que gozam de maior prestígio. Quanto mais perto do poder, mais próximas ao centro ficam as personagens políticas. A autoridade política precisa, pois, para definir-se, de um quadro ritualístico que exprima simbolicamente seu lugar na hierarquia social.

Esses sinais exteriores relacionados com a disposição de personagens e objetos no espaço compõem o cenário em que as palavras são ditas, remetendo a uma constante fundamental do poder político nesta situação: “o poder deve comunicar, [...] deve impor uma ordem, estabelecer formas que permitam que seja reconhecido [...]”, segundo Haroche (1998, p. 98). O poder, para a autora, tem de saber “persuadir, penetrar nas ideias, convencer, fazer crer, dominar e impressionar; em outros termos, governar”.

É exatamente nesse quadro que o discurso ora analisado, com base em certas formas de dizer, procura inscrever-se. Essa inscrição faz-se pelo “esquecimento” dos saberes que constituem a FD de extrema direita – embora haja índices de sua presença, como no enunciado produzido pelo candidato eleito no discurso em foco “Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo e com o populismo e com o extremismo da esquerda” – e pela adoção total daqueles da FD religiosa, repetidos com exaustividade. Graças a esse “esquecimento”, a conjugação entre o político e o religioso aparece sem conflitos, sem contradições e sem *efeitos transversos*, pois esses se dariam através da absorção pela FD de extrema direita dos saberes que

compõem a FD religiosa, e, como os saberes da FD de extrema direita não se fazem presentes na superficialidade discursiva, isso não ocorre.

Passamos agora a destacar, com base na noção de excesso (ERNST-PEREIRA, 2009), exemplos de elementos que ocorrem de forma reiterada e constituem algumas formas de dizer encontradas:

1) pronomes de 1ª pessoa (no singular/eu e no plural/nós): “ao *meu* lado, a *minha* esposa”; “mantendo a *minha* vida”; “Com certeza ele reservou algo para *mim* e para todos *nós* aqui no Brasil”, “Esse primeiro contato *meu* via *live*”, “Também só [eu] cheguei aqui porque vocês, internautas, povo brasileiro, realmente vocês acreditaram em *mim*”; [Nós] Fizemos uma campanha não diferente dos outros, mas como deveria ser feito, afinal de contas a *nosso* bandeira, o *nosso* slogan”.

2) orações relativas: “e minha esposa Michele, pessoa *que, nos momentos de alegria e tristeza, sempre esteve a meu lado*”; “Eu quero agradecer a Deus *que* pelas mãos dos médicos [...] operaram um verdadeiro milagre”; “à *confiança que tenho no povo brasileiro*”.

3) termos, expressões e enunciados religiosos: “verdadeiro milagre”; “graças a Deus”; “com certeza Ele reservou para mim”; “*Bíblia* sagrada”; “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”; “conviver com a verdade, essa verdade”; “A verdade tem que começar a valer dentro dos lares”; “seguindo os ensinamentos de Deus”; “sede de conhecer a verdade”; “orações”; “peço a Deus”; “fique com Deus”.

Com relação ao uso reiterado da primeira pessoa (no singular ou no plural), pressupomos que, além do reconhecimento do direito à fala e ao lugar no espaço simbólico, se constitui numa manobra para assegurar, perante seu público-alvo, a assunção (fictícia) da responsabilidade de sua posição, no caso, de cunho predominantemente apelativo com vistas à instituição da eficácia simbólica no espaço de um discurso político atravessado pelo discurso religioso, utilizado como artimanha de encobrimento de saberes da formação discursiva de extrema direita.

O emprego reincidido de orações relativas, cujos pressupostos ideológicos visivelmente se enquadram na matriz religiosa cristã, participa também

desse processo para dotar de eficácia simbólica um discurso que tem como princípio básico convencer não pelos fatos, mas pelas emoções. Portanto, o que nesse processo falta (cf. ERNST-PEREIRA, 2009) e que deveria constar é a menção ao desenvolvimento de possíveis projetos econômicos, financeiros, culturais, educacionais etc. para a melhoria das condições do país. O discurso centraliza-se no “eu” em seus afetos, na acepção psicanalítica, e não no outro em suas demandas e pretensões.

O que nos parece importante observar mais de perto, com base no conceito apresentado nesta reflexão para a expressão “feito de simulação”, é o funcionamento do interdiscurso como pré-construído, tendo como foco a repetibilidade, através de duas modalidades linguísticas de inscrição: discurso relatado e/ou enunciados clichês situados numa rede de formulações registrada na memória social, como na sequência discursiva abaixo que concerta as relativas com citações:

Fizemos uma campanha não diferente dos outros, mas como deveria ser feito, afinal de contas a nossa bandeira, o nosso slogan eu fui buscar naquilo *que* muitos chamam “Caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher” *que* é a *Bíblia* sagrada, fomos em João 8:32, “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Nessa sequência, o encontro do político com o teológico, com a preponderância deste último, presente nas duas orações relativas determinativas, cujo mecanismo de exterioridade-anterioridade faz trabalhar o imaginário da identificação, sonega qualquer descontinuidade (e a relação de simulação) entre as redes de memória em jogo: a político-ideológica e a religiosa. Além desse mecanismo linguístico-discursivo de encaixe, ocorre outro, o mecanismo de discurso relatado “Caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher” e “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, cujos enunciadores explicitados no fio do discurso são respectivamente “muitos” (genérico) e “João 8:32” (específico). A atribuição do enunciado citado a alguém e a representação da retomada das palavras do outro parecem constituir-se, no discurso em questão, numa estratégia de validação da verdade e de obtenção de respeito

da sociedade, até porque a referência fundamental é o livro sagrado, voz autorizada e considerada verdadeira, que não pode nem deve ser questionada (a Constituição funciona como apêndice, sendo citada apenas uma vez). Formase, pois, uma cadeia parafrástica: caixa de ferramentas/bíblia sagrada/verdade, em cujo eixo gravitacional circula a rede de formulações. Enquanto a relação entre o livro sagrado e a verdade passa-se de forma “natural” e evidente, o mesmo não ocorre com a relação entre livro sagrado e “caixa de ferramentas”, causando estranhamento. Esse processo de metaforização implica necessariamente o resgate de um implícito relativo ao pré-construído, ligado à religião cristã, que diz respeito à natureza de imperfeição e pecado que constituem *espontaneamente* o homem e a mulher e de que a verdade os livrará.

Com relação ao enunciado bíblico “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”, formulamos questões, como o fez Pêcheux em *Discurso. Estrutura ou acontecimento*, com base naquilo que lhe falta no nível da formulação. De que verdade se trata? Quem conhecerá a verdade? A verdade libertará do quê? A elas, a interpretação religiosa tradicional responderia: a verdade é Deus, quem a conhecerá são os (não)crentes a quem a Sua palavra é dirigida, e a libertação será a do pecado.

Entretanto, essa transparência no discurso do candidato eleito é enganosa, na medida em que sua representação como “o mito” se confunde com a representação de um ser considerado sagrado, Cristo, o Messias, o filho de Deus. Bolsonaro é o “eleito”, salvo por um “verdadeiro milagre”, o povo acredita nele (assim como acreditou em Cristo), enfim, ele é a “verdade”. Portanto, o enunciado cuja formulação bíblica se tornou um *slogan* importante em seu discurso é reconfigurado no texto em questão; é o retorno do mesmo, que, como sabemos, só pelo fato de retornar em um outro lugar e em um outro tempo, já se torna outro. Quando o sujeito enunciadador, após citar a passagem da *Bíblia*, diz “Nós temos que nos acostumar a conviver com a verdade”, entende-se que “eu mais os outros” devemos subordinar-nos à Verdade, a Deus. No entanto, quando, posteriormente, enuncia “O povo mais que o dever tem o direito de saber o que acontece com o seu país. Graças a Deus, essa verdade o povo entendeu perfeitamente. Alguém sem um grande partido, sem fundo partidário, com uma grande parte da mídia, o tempo todo, criticando, colocando-me numa situação vexatória [...]”, a verdade não é mais Deus. Ele, o candidato, é a verdade, ou, pelo menos, é ele quem a mostra, em oposição “ao

socialismo, ao comunismo, ao populismo e ao extremismo de esquerda”. Essa contradição falsa e extemporânea, provinda de uma memória que estrategicamente ressurgiu nesse discurso de uma direita radical, faz parte da farsa política que se instalou no país desde 2016 com o *impeachment* de Dilma Rousseff, aqui considerado como efeito de origem na acepção de Indursky (2011), que encontra seu ápice na eleição para a Presidência da República em 2018.

Funcionamento similar ocorre na historietta que o candidato narra em seu discurso, quando esteve em “Maracapuru, coração da Amazona, conversando com pessoas simples mas que tinham sede de conhecer a verdade”. A verdade foi até elas! Simula-se o Messias, aquele que veio para resgatar (no caso, o país), com um discurso que se constitui numa encenação cujos “pontos de fuga”¹¹ constituem o deslocamento do cerne do discurso político, uma vez que o teológico lhe toma (aparentemente) o lugar.

Palavras finais

Visamos, pela análise apresentada, à organização dos mecanismos simbólicos relativos aos elementos constituintes do espaço em que foi produzido o discurso proferido por Jair Bolsonaro e aos elementos linguístico-discursivos, constituintes das formulações aí presentes, com vistas à compreensão da configuração de um discurso político cujo efeito é de simulação. O trabalho dos sentidos como falsificação da palavra e dos fatos no espaço *on-line* pretendeu manter o “povo encantado” e teve no discurso religioso seu suporte fundamental de legitimação, assim como no afeto que se espalha sobre os traços da memória. A dimensão ambivalente do termo “verdade”, implicada na religiosidade que o envolve no discurso político do recém-eleito Presidente da República, e sua reiteração e circulação participam da representação do “mito” salvador da pátria, assim como os demais mecanismos discursivos analisados. Na realidade, os processos de significação na discursividade analisada se reduzem a sentidos engendrados para enganar, confundir e garantir a manutenção do conservadorismo ainda presente na sociedade brasileira, tendo em vista a implementação dos princípios neoliberais. Por isso, o amálgama do teológico ao político.

¹¹ Expressão utilizada em arquitetura para definir perspectivas.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3ª edição. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

_____. A corrente subterrânea do materialismo do encontro. Rio de Janeiro: *REVAN* – Revista crítica marxista, 2005.

Programa Fantástico da Rede Globo. Presidente eleito Jair Bolsonaro faz seu primeiro pronunciamento após resultado. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7120988/> 28 de outubro de 2018. Acesso: em 20 de novembro de 2018.

COURTINE, Jean-Jacques. *Metamorfoses do discurso político*. Derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

ERNST-PEREIRA, Aracy. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição do *corpus* discursivo. In: *Anais do seminário de estudos em análise de discurso*, 4. Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://anaisdosead.com.br> Anais ... 4 SEAD SIMPÓSIOS Aracy Ernst Pereira. pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

HAROCHE, Claudine. *Da palavra ao gesto*. Campinas: Editora Papirus, 1998.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: _____; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

PÊCHEUX, Michel. O estranho espelho da Análise de Discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político*. O discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCAR, 2009, p. 21-26.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. *O discurso*. Estrutura ou acontecimento. Campinas, SP: Pontes, 1990.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público*. As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Jessé. *A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite*. São Paulo: Leya, 2015.

TREVISAN, Daniel. Bolsonaro, o gesto da arma na Marcha para Jesus e a risada cafajuste dos pastores, 22 de junho de 2019. diariodocentrodomundo.com.br/ Acesso em: 23 de junho de 2019.

“YOU SHALL KNOW THE TRUTH AND THE TRUTH SHALL MAKE YOU FREE” (JOHN 8:32): SIMULATION EFFETS IN POLITICAL DISCOURSE *ON-LINE*

ABSTRACT

As we turn our attention to the political discourse online, we seek to understand the representation produced imaginatively in this space that aims to build an effect of true telling on the historical conditions instituted in Brazil today. However, it consists the production of a “simulation effect”, resulting from the misrepresentation of the word and the event, through the encounter of the political with the theological discourse.

KEYWORDS: political-religious discourse; simulation; social network.